



GREVE GERAL

# Centrais festejam, Planalto minimiza

À noite, protesto no  
centro da Capital

**Convocada contra as reformas trabalhista e da Previdência, a paralisação de sexta-feira no país teve avaliações opostas. Vagner Freitas, presidente da CUT, afirmou ter sido "a maior greve geral da classe trabalhadora", com grande apoio da população nas ruas. No governo, o discurso é de manutenção das reformas. Para Osmar Serraglio, ministro da Justiça, a movimentação foi "um fracasso, muito restrita".**



# GREVE PRESSIONA PLANALTO,

**CENTRAIS SINDICAIS COMEMORAM** alcance da paralisação, enquanto Planalto minimiza atos e impacto no Congresso

JULIANA BUBLITZ

juliana.bublitz@zerohora.com.br

Convocada por sindicalistas, a greve geral contra as reformas do governo Michel Temer ganhou repercussão nacional e internacional ao parar parte do país na sexta-feira. O resultado só foi possível, na avaliação de especialistas e dos próprios grevistas, devido a dois fatores: a união das centrais sindicais em torno de uma causa, algo raro até então, e o êxito na interrupção do transporte público nos principais centros urbanos brasileiros, restringindo a circulação das pessoas.

Desde as primeiras horas da madrugada, piquetes foram montados em pontos estratégicos nas capitais e nos maiores municípios do interior. Em todos os Estados e no Distrito Federal, vias públicas foram bloqueadas, estabelecimentos privados acabaram de portas fechadas, incluindo bancos e escolas, e repartições públicas funcionaram apenas de forma parcial.

Em algumas cidades, como Rio de Janeiro e São Paulo, foram registrados confrontos e depredações. Em Porto Alegre, três ônibus acabaram apedrejados. Ao longo do dia, os coletivos foram impedidos de sair das garagens por manifestantes e não circularam. O mesmo ocorreu com os trens metropolitanos. Assim que amanheceu, os limites à locomoção transformaram a paisagem no centro da Capital: normalmente apinhada de gente nesse horário, a região ganhou ares de feriado antecipado, com pouca gente nas ruas.

Até o fim da tarde, as entidades que lideraram a ação contra as alterações na Previdência e na legislação trabalhista comemoraram o desfecho da mobilização. Segundo o presidente da Central Única dos Trabalhadores no Estado (CUT-RS), Claudir Nespolo, o resultado "foi superior às expectativas".

– Vamos colocar em ordem esse negócio que está acontecendo em Brasília. Agora vão ter de nos escutar – disse à Rádio Gaúcha.

A dimensão da greve, avalia Claudio Dedecca, professor de Economia do Trabalho da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi "maior do que se esperava" porque, inicialmente, havia dúvidas sobre a real capacidade de mobilização das centrais. Em outros atos, como o do último dia 15 de março, a adesão não chegou nem perto e os efeitos passaram quase despercebidos.

– Ainda é difícil avaliar a dimensão e o impacto porque há uma parcela da sociedade que ainda está silenciosa, mas certamente foi uma demonstração de força. A paralisação dos transportes foi a chave para isso – diz Dedecca.

É possível que a parcela silenciosa, nas palavras do pesquisador, tenha contribuído de forma involuntária para amplificar a paralisação – o que gerou críticas nas redes sociais. Mesmo que não tivessem a intenção de cruzar os braços, muitos trabalhadores acabaram ficando em casa porque não tinham como chegar ao serviço.

– É óbvio que queríamos isso. Quantas vezes tentamos parar o transporte público e não conseguimos? Agora, finalmente, deu certo, e o êxito do movimento passou por aí – argumenta o presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil no Estado (CTB-RS), Guiomar Vidor.

## UNIÃO ENTRE ENTIDADES AMPLIOU MOBILIZAÇÃO

A outra diferença em relação a tentativas anteriores de parar o Brasil foi a aproximação entre as centrais. Até então, a CUT, historicamente ligada ao PT, e a Força Sindical, presidida pelo deputado federal Paulinho da Força, do Solidariedade, eram conhecidas por divergências políticas. Nas últimas semanas, isso mudou.

As entidades atribuem a união à "gravidade do momento" e à "real ameaça aos direitos dos trabalhadores". Dedecca cita um terceiro motivo: entre as mudanças da reforma trabalhista, está o fim do imposto sindical, que deixará "os sindicatos de joelhos". Vidor confirma:

– Lógico que somos contra o fim do imposto sindical, porque as entidades têm de sobreviver.

Para o cientista político Rudá Ricci, haveria mais uma razão por trás da unidade entre as centrais, em especial da guinada de Paulinho da Força ao ameaçar deixar de apoiar o governo Temer se não houver recuos na reforma. Ao contrário da Força Sindical, a CUT jamais aceitou dialogar com Temer.

– Essa reação é o que chamo de problema de mercado político. Paulinho está sendo impelido pela base a se posicionar contra a reforma trabalhista. É nos seus votos que está pensando – afirma Ricci.

Nos próximos dias, as centrais devem voltar a se reunir para tratar de nova greve até o fim de maio, desta vez com duração de 48 horas.



“

Quem não fez greve, apoiou. Faço greve há um tempão. Quando a população não quer greve, não tem greve. Mas em todas as manifestações que fizemos fomos apoiados, fomos aplaudidos no metrô. Ninguém foi hostil a nós, como nas vezes em que o sindicalista ouve gente falando 'vai trabalhar, vagabundo'. Isso não aconteceu.

**VAGNER FREITAS**

Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT)

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo estima em

**R\$ 5 bi**

as perdas do comércio com a greve geral da sexta-feira em todo o país.



# TEMER MANTÉM REFORMAS

## Governo minimiza adesão

**GUILHERME MAZUI**  
guilherme.mazui@gruporbs.com.br  
RBS BRASÍLIA

O Palácio do Planalto tentará reduzir o impacto da greve geral nas votações das reformas no Congresso. Apesar de auxiliares do presidente Michel Temer considerarem que a adesão às manifestações ficou abaixo do projetado pelo governo, ministros e líderes partidários admitem que, ao final da tarde, os atos ganharam dimensão capaz de atrapalhar ainda mais a votação da PEC da Previdência na Câmara.

Parcela significativa dos deputados aliados já sinalizava que não estava disposta a votar as mudanças nas aposentadorias e pensões, e pode usar a greve como argumento para reforçar a posição. A ordem no governo é endurecer as negociações com esses parlamentares. Em nota oficial, Temer mandou um recado ao afirmar que o “trabalho em prol da modernização da legislação nacional continuará”.

O Planalto monitorou ao longo do dia as manifestações. O ministro da Justiça, Osmar Serraglio, ficou em contato com autoridades de segurança nos Estados e com a área de inteligência. No meio da tarde, apostava que o movimento arrefeceria, por estar restrito a sindicatos e à oposição, com maior peso em centros urbanos:

– Não houve apoio da população, o que se viu foram alguns grupos criando dificuldade a quem queria trabalhar.

À noite, os atos em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre contrariaram as previsões do governo. Às 19h, saiu a nota de Temer, na qual afirmou que houve “a mais ampla garantia ao direito de expressão” e lamentou o bloqueio de rodovias e avenidas para “impedir o direito de ir e vir do cidadão”. Ele classificou como “graves” os confrontos.

O governo ainda aposta em vitória na reforma trabalhista no Senado e reconhece que, no momento, não reúne os 308 votos para aprovar a PEC da Previdência.

Na busca de apoio, a intenção é vencer os deputados de que não há pressão majoritária nas ruas contra as reformas. Para isso, vinculará a greve ao PT e à irritação das centrais com fim do imposto sindical. A oposição acusa o Planalto de subestimar os atos.

– É um governo isolado, que tem menos de 5% de popularidade e não consegue compreender a grandeza do movimento – diz o deputado Paulo Teixeira (PT-SP).

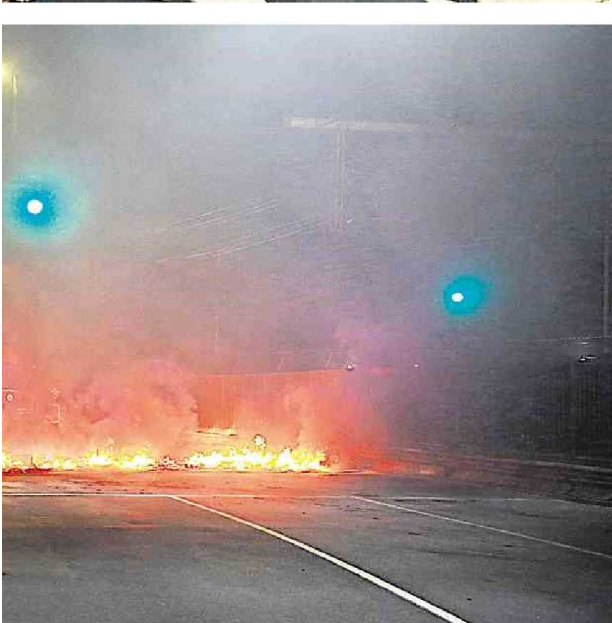
Na base de Temer, parlamentares consideram que a greve não modificou opiniões sobre a Previdência. Quem pretende votar contra, decidiu pela pressão dos eleitores, percebida em viagens, redes sociais e e-mails enviados aos gabinetes. A greve será usada como mais “uma desculpa”.

– O governo faz, hoje, 250 votos no plenário da Câmara. Na trabalhista, votou-se a necessidade de atualizar uma legislação da década de 1940 – garante Onyx Lorenzoni (DEM-RS).



ROSELI STEVENS

Manifestantes fizeram passeata no centro da Capital à tarde. Na madrugada, fogo bloqueou Avenida Mauá



THOMAS VIANNA

“  
Você pega milhares de pessoas obstruídas por 15, 20, 50 pessoas. As pessoas estão querendo ir trabalhar e estão sendo obstruídas. É mais uma greve aparentemente dos sindicatos, das centrais, perturbados com as decisões desta semana do Congresso Nacional, que estão tirando recursos bilionários.

**OSMAR SERRAGLIO**  
Ministro da Justiça



CARLOS MARCELO

Vias como a Borges de Medeiros ficaram vazias sem a circulação de ônibus